

## Narração na audiodescrição por pessoas com deficiência visual: expandindo o campo profissional

*Narration in audio description by visually impaired people: expanding the professional field*

*Narración en la audiodescripción para personas con discapacidad visual: ampliando el campo profesional*

Thiago de Lima Torreão Cerejeira  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
thiagotcerejeira@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-4816-3859>

Jefferson Fernandes Alves  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
jeffersonfernandes248@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-0808-7115>

### RESUMO

A audiodescrição enquanto recurso de acessibilidade comunicacional e cultural opera como uma modalidade de tradução intersemiótica, transformando os contextos visuais captados pelo olhar em enunciados verbais e possibilitando que pessoas com deficiência visual possam ter um melhor entendimento e compreensão. O recurso também vem configurando-se como um campo de trabalho e atuação profissional para esse público por meio da figura do audiodescritor consultor, profissional com deficiência visual que necessariamente deve integrar a equipe que concebe a audiodescrição. Esse estudo, por sua vez, assume como abordagem metodológica a pesquisa intervenção (JOBIM E SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012), apoiando-se, teoricamente, na compreensão dialógica da autoria (BAKTHIN, 2017), na dimensão poética da voz (ZUMTHOR, 2007) e na perspectiva estética da audiodescrição, a partir da contação de histórias (BUSATTO, 2013). Em vista disso, considerando o potente panorama que se apresenta, a abordagem desse estudo centra-se na possibilidade de atuação para a pessoa com deficiência visual com a narração gravada na audiodescrição a partir de algumas experiências desenvolvidas que se mostraram férteis e abrem caminho para esse espaço de atuação profissional ainda pouco explorado, amplo de oportunidades e que suscita um novo olhar para uma educação estética a partir do ponto de vista do descentramento da primazia do visuocentrismo.

**Palavras-chave:** Acessibilidade comunicacional e cultural. Audiodescrição gravada. Educação estética. Narração na Audiodescrição. Pessoa com deficiência visual.

## ABSTRACT

*Audio description, as a communicational and cultural accessibility resource, operates as a modality of intersemiotic translation, which transforms the visual contexts captured by the sight into verbal utterances and allows visually impaired people to have a better understanding and comprehension. Furthermore, such resource has been appearing as a field of work and professional activity for this public through the figure of the consultant audio describer, a visually impaired professional who must necessarily be part of the team responsible for making the audio description. Thus, the methodology of this study is based on the intervention-research approach (JOBIM E SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012), and it theoretically relies on the dialogical understanding of authorship (BAKHTIN, 2017), poetic dimension of the voice (ZUMTHOR, 2007), and aesthetic perspective of audio description, regarding storytelling (BUSATTO, 2013). Therefore, considering the relevance of such panorama, the approach of this study focuses on the possibility for the visually impaired people to take part in the composition of recorded narration in audio description based on some experiences that have proved to be fertile and a way for this kind of professional activity, which is still under explored, but yet full of opportunities, and that has raised a new look at an aesthetic education from the point of view of the decentering of the ocularcentrism primacy.*

**Keywords:** *Communicational and cultural accessibility. Recorded audio description. Aesthetic education. Narration in Audio Description. Visually impaired individual.*

## RESUMEN

*La audiodescripción como recurso de accesibilidad comunicacional y cultural opera como una modalidad de traducción intersemiótica, transformando los contextos visuales captados por el ojo en enunciados verbales y permitir que las personas con discapacidad visual tengan una mejor comprensión y entendimiento. El recurso también se está configurando como un campo de trabajo y desempeño profesional para este público mediante la figura del consultor audiodescriptor, un profesional con discapacidad visual que debe integrar necesariamente el equipo que concibe la audiodescripción. Este estudio, a su vez, asume como enfoque metodológico de la investigación de intervención (JOBIM Y SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012), apoyándose, teóricamente, en la comprensión dialógica de la autoría (BAKHTIN, 2017), en la dimensión poética de la voz (ZUMTHOR, 2007) y la perspectiva estética de la audiodescripción, desde la narración (BUSATTO, 2013). Ante esto, considerando el potente panorama que se presenta, el planteamiento de este estudio se centra en la posibilidad de actuación para la persona con discapacidad visual con la narración grabada en audiodescripción a partir de algunas experiencias desarrolladas que resultaron fecundas y allanaron el camino para este espacio de actuación profesional aún poco explorado, amplias oportunidades y que plantea una nueva mirada para una educación estética desde el punto de vista del descentramiento de la primacía del visuocentrismo.*

**Palabras clave:** *Accesibilidad comunicativa y cultural. Grabación de la descripción de audio. Educación estética. Narración en Audiodescripción. Persona con discapacidad visual.*

## A audiodescrição e a pessoa com deficiência visual: a educação do olhar como uma questão

A audiodescrição (AD) tem se configurado como um modelo de tradução intersemiótica que garante a acessibilidade e o direito à informação às pessoas com deficiência visual. Os contextos visuais e imagéticos que são captados pelo olhar transformam-se em enunciados verbais, de maior ou menor extensão, que podem ampliar o entendimento e o sentido desse público.

A questão que perpassa o campo da AD compreende, por conseguinte, um processo dialógico, no qual a acessibilidade comunicacional e cultural poderá suscitar uma educação estética, à medida que promove um deslocamento da cultura visuocêntrica e que pode incorrer na própria reeducação do olhar das pessoas sem deficiência visual, de modo que "[...] promover a acessibilidade nos espaços culturais para pessoas com deficiência e novos públicos e propiciar a eles o protagonismo é trabalhar pela garantia do direito de participação de todo ser-humano na vida cultural da comunidade" (SARRAF, 2018, p. 24).

Além de ser um recurso de acessibilidade comunicacional e cultural essencial, a audiodescrição revela-se também como um campo de atuação profissional para as pessoas com deficiência visual, já que um dos profissionais que devem necessariamente compor a equipe que constrói a audiodescrição é o audiodescritor consultor, profissional com deficiência visual, com estudo e formação na área da audiodescrição e que atua em sinergia com o audiodescritor roteirista e o audiodescritor narrador, no intuito de analisar e interferir nos aspectos de concepção da audiodescrição, com vistas a pensar a melhor experiência de fruição para os usuários do recurso.

O campo de atuação do audiodescritor consultor já consolida-se gradativamente e a sua participação no desenvolvimento processual da audiodescrição tem se ampliado consideravelmente, garantindo o caráter imprescindível da representatividade desse profissional no mercado de trabalho brasileiro (Cf. SÁ, 2015; MIANES, 2017; SILVA E BARROS, 2017).

Ainda que esse espaço que considera a figura do audiodescritor consultor para a pessoa com deficiência visual seja promissor, outras possibilidades dentro do próprio campo da audiodescrição podem se mostrar também amplas de oportunidades e uma delas, a ser pensada com mais ênfase, seria também a atuação com a narração gravada na audiodescrição.

A narração na audiodescrição é uma área que também já é investigada em alguns estudos (Cf. LEÃO, 2018; PALMEIRA, 2021), embora ainda seja pouco explorada dentro da perspectiva que institui a narração na AD feita por pessoas com deficiência visual.

Esse movimento ocasiona por conseguinte novas possibilidades criativas a partir da experiência estética e que institui "[...] a profunda conexão entre o estético e o artístico, entre a percepção e a criação [...] em seu papel de acionar processos de aprendizagem inventiva" (KASTRUP, 2010, p. 39).

Questiona-se desse modo de que forma a experimentação com a narração gravada para produtos audiovisuais pela pessoa com deficiência visual pode ressignificar a participação desse público nas equipes que compõem a audiodescrição. Como tais incursões podem, assim, ressignificar o papel e a perspectiva desses profissionais, deflagrando a experimentação de estéticas criativas na área da narração e conduzindo-os à expansão do campo de atuação profissional?

A observação desse panorama leva a essa constatação e emerge a partir de algumas experiências com a narração gravada de alguns produtos audiovisuais, onde tais incursões permitiram, desse modo, vislumbrar um outro campo fértil de oportunidades para as pessoas com deficiência visual, que já atuam ou pretendem atuar no mercado de trabalho da audiodescrição, seja no âmbito da consultoria, seja na narração gravada para AD.

A abordagem desse estudo pretende enveredar por essa perspectiva e discutir, a partir das experiências desenvolvidas, os argumentos que levaram à reflexão de que é possível ampliar o repertório de atuação profissional de pessoas com deficiência visual nesse campo. É, portanto, uma premissa que perpassa as histórias das pessoas com deficiência visual, tidas como narrativas de resistência, no sentido da recusa da trivialização da exclusão social e que se deixe ensinar pelos múltiplos sentidos e lugares da experiência (MARTINS, 2013).

A articulação de tais pressupostos incorre no desvelamento da própria deficiência como um campo de possibilidades metafórico-epistêmicas e estéticas e em perceber, conforme indica Bavcar (2003, p. 190) que: "A deficiência é, portanto, o desnível entre a percepção do mundo tal como é e tal como poderia ser. [...] A utopia do corpo não deve se impor à natureza, mas trabalhar com a cumplicidade dos nossos possíveis".

Isso evidencia, por conseguinte, a retórica de que, muitas vezes, determinados papéis não são assumidos por pessoas com deficiência em função de uma configuração

social hegemônica que, intuitivamente, predetermina uma partilha do sensível (RANCIÈRE, 2009), ou seja, de quem pode ou não atuar, frequentar ou experimentar determinadas instâncias ou funções.

No caso específico da narração na audiodescrição, é oportuno considerar que, talvez pelo fato de que essa tenha sido uma área habitualmente exercida por pessoas sem deficiência visual, a predisposição destes tenha sido minimizada ou até não percebida como possível, muito em função das próprias especificidades desse campo de atuação, que envolvem diversas técnicas e recursos, desde a leitura de roteiros até à própria improvisação, para o caso da audiodescrição que é feita ao vivo.

Ressalte-se todavia que a vertente que aqui se delineia como possível é a da audiodescrição gravada, justamente pelo fato de não depender exclusivamente da visão, mas essencialmente do acompanhamento e leitura de um roteiro (que no caso da pessoa com deficiência visual poderá ser feito com recursos de tecnologia assistiva, como os leitores de tela) e, obviamente, do próprio recurso vocal do audiodescritor narrador.

Assim, a incursão da pessoa com deficiência visual em um campo de atuação, no caso da audiodescrição, com o qual ela já tenha familiaridade, formação e experiência, pode se redimensionar a partir de novas proposições estéticas. Nesse sentido, a contribuição do fazer artístico é relevante por instigar um vínculo que correlaciona a experiência de fruição estética com a própria prática.

Se o fazer artístico gera prazer, segurança e autoestima, é possível ler essas mesmas sensações em outros fazeres. O que é fortalecido num processo de fruição estética pode ser fortalecido no grupo social em que estamos inseridos. Nesse momento, a contextualização não é só se entender como pessoa com deficiência, mas como um sujeito histórico e importante como tal. A reflexão conduzirá a prática. (SILVA E MATTOSO, 2016, p. 220).

Desenha-se, desse modo, uma perspectiva instigante que ressignifica a participação das pessoas com deficiência visual no tocante à narração na audiodescrição, instaurando assim uma inversão ou um deslocamento da matriz axiológica, bem como da ampliação das relações dialógicas (BAKHTIN, 2017), em que são consideradas as vozes e atuações desses partícipes, de forma a ressignificar as formas como as pessoas com deficiência visual são vistas socialmente (ALVES, 2014).

De outro modo, cabe ao âmbito da pesquisa acadêmica o caráter designado como investigação emancipatória no sentido de considerar e reconhecer a construção de parâmetros sociais autorados pelas experiências e vozes das pessoas com deficiência visual.

[...] a investigação emancipatória, articulada com a afirmação do modelo social da deficiência, significa também um reconhecimento por parte da academia dos termos em que a produção científica tem sido cúmplice - por ação ou omissão - de quadros sociais opressores das pessoas com deficiência [...]. Esse reconhecimento deve-nos incitar a uma participação ativa na construção de uma sociedade crescentemente autorada pelas vozes e experiências das pessoas com deficiência. [...], as aspirações a uma coautoria informada pelas experiências da deficiência visual assumem particular, igualmente, relevância em áreas como a produção artística ou o desporto. (MARTINS, 2013, p. 57).

Em congruência com tais direcionamentos salienta-se que, a proposta aqui explicitada, integra-se e complementa-se ao corpus teórico da pesquisa de Doutorado em Educação de Thiago Cerejeira<sup>1</sup>, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que defende justamente a ampliação do perfil do profissional com deficiência visual nessas vertentes e a expansão de tais repertórios, assumindo, por conseguinte, a pesquisa intervenção como abordagem metodológica, de enfoque qualitativo, a qual se orienta pela perspectiva dialógica do encontro do pesquisador com seu outro, cujo estabelecimento relacional instaura processos de mudanças e de implicações.

Portanto, o lugar ocupado pelo pesquisador é marcado pela experiência singular, única e irrepetível do encontro do pesquisador e seu outro, na busca de produzir textos que revelem compreensões, ainda que provisórias, para dar sentido aos acontecimentos na vida. (JOBIM E SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 114).

Essa possibilidade alteritária do encontro com o outro assumiu como corpus investigativo o espetáculo “Abrazo”, do Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare - Natal/RN, com o propósito de sistematizar um roteiro de audiodescrição orientado pela contação de

---

<sup>1</sup>A pesquisa de doutorado intitulada “A Coautoria do audiodescritor consultor na performance da audiodescrição poética” encontra-se, no ínterim da publicação desse artigo, em fase de conclusão e foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFRN (CEP/UFRN) sob o CAAE: 46863721.0.0000.5292.

histórias, tendo como horizonte a fruição estética de espectadores com deficiência visual. Na dimensão desse artigo, o cerne será a evocação do processo de experimentação desse roteiro para realçar o protagonismo do audiodescritor consultor no que se refere à narração, eixo que será discutido no tópico seguinte.

## Experiências com a narração na AD por uma pessoa com deficiência visual

A dimensão da audibilidade é um dos mecanismos de percepção e, portanto, de mediação cultural e educacional das pessoas com deficiência visual. Constitui também a matriz semiótica da própria audiodescrição, aspecto que instaura a premente questão da aprendizagem da escuta como um dos aspectos cruciais para esse público, que se utiliza fundamentalmente da vocalidade e da potência que será instituída à palavra mediadora em determinados contextos de fruição.

É então possível (e essa opinião é a mais comum) ver nos meios auditivos uma espécie de revanche, de retorno forçado da voz, e ainda mais do que a voz, porque com o filme ou tevê vê-se uma imagem fotográfica e, talvez, ainda em breve, tenha-se a percepção do volume. De todo modo, é claro que a mediação eletrônica fixa a voz (e a imagem). Fazendo-os reiteráveis, ela os torna abstratos, ou seja, abolindo seu caráter efêmero abole o que chamo sua taticidade. No entanto, se me ocorre falar do retorno forçado da voz, entendo por isso uma outra coisa, que ultrapassa a tecnologia dos media: faço alusão a uma espécie de ressurgência das energias vocais da humanidade, energias que foram reprimidas durante séculos no discurso social das sociedades ocidentais pelo curso hegemônico da escrita. [...] A diferença entre os dois aspectos da mediação (a voz se faz ouvir mas se tornou abstrata) é, sem dúvida, insuperável. (ZUMTHOR, 2007, p. 15).

O que Zumthor (2007) traz como contributo ao debate que circunda o campo da audiodescrição, relaciona-se principalmente à narração, já que será essa a via principal de acesso pela pessoa com deficiência visual durante a apreciação de um bem ou produto artístico, cultural ou educacional.

No âmbito da audiodescrição, a voz, ou a vocalidade, terá assim fator preponderante na construção de imagens, contextos ou articulações mentais que serão decisivos para a formatação de inferências e, sobretudo, da compreensão e leitura das imagens que se apresentem em diferentes conjuntos visuais.

Assim, as referências tomadas a cabo para ampliar o debate acerca da incorporação da pessoa com deficiência visual no âmbito da narração em audiodescrição advém de duas experiências desenvolvidas em 2022, com a narração gravada: uma primeira, que é deflagradora, inerente a trechos de um espetáculo teatral, registrado em vídeo, e outra com um documentário com cerca de vinte minutos.

A obra teatral em questão refere-se ao vídeo do espetáculo "Abraço", do Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare, de Natal (RN). O vídeo de "Abraço" tem cerca de 50 minutos de duração. A peça não contém em sua quase totalidade o uso da palavra oral, aspecto que torna o papel da narração em audiodescrição preponderante, já que será o meio pela qual os espectadores com deficiência visual terão para exercer sua fruição.

A característica de ter um produto audiovisual que é predominantemente imagético e sem a intervenção de falas, configura-se a priori como um terreno fértil para exercer o arbítrio e a liberdade com a narração, contudo, é também um quesito que desafia a equipe de audiodescritores a ser precisa na articulação do roteiro e, conseqüentemente, no encadeamento que a voz que personificará a narração terá de manter afim de perpetuar o envolvimento dos espectadores ao longo de toda a apreciação. Um perigo iminente é ainda o fator "verborragia", que poderá ocasionar a sobrecarga de informações e o conseqüente enfado ou dispersão da pessoa usuária do recurso de audiodescrição.

O aporte utilizado para o roteiro de audiodescrição de "Abraço", nesses trechos iniciais do vídeo do espetáculo, foi o da matriz da contação de histórias, em uma tentativa de fugir do modelo de audiodescrição supostamente convencional, e tendo como opção uma linha narrativa poética, na qual articulou-se a narração de forma similar à presente na dublagem de filmes de animação, ou seja, com um tom descontraído e dinâmico.

A opção pela contação de histórias se dá porque essa matriz semiótica possibilita uma convergência intencional entre o ato de contar e audiodescrever, já que, conforme define Busatto (2013), a arte de contar histórias envolverá a articulação de imagens, ritmos e intenções, enquanto fundamentos poéticos e teóricos que sustentam a narração oral e conduzem ao imaginário.

Nisso, vejo então uma pista: pensar o imaginário como um vasto campo de possibilidades, que proporciona, entre tantas coisas, a compreensão e aceitação de diferentes níveis de percepção da realidade, abrindo-se para um sistema participativo, plural, sensível e passível de outras lógicas. A partir dele e das suas manifestações é possível retornar à matéria humana,

e ressensibilizar o mundo e o ser humano. E isso pode ocorrer pelo aconchego oferecido pelas histórias; pelo embalo do acalanto; pelo espírito de amorosidade que flui numa narrativa oral realizada com prazer. Por outro lado, contar histórias pode ser fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos, devaneando, gateando, até chegar ao imaginário. (BUSATTO, 2013, p. 58).

A proposição que é deflagrada pela audiodescrição com tons de contação de histórias coaduna, portanto, com a ideia definida por Busatto (2013) de um "sistema participativo, plural, sensível e passível de outras lógicas", pois à medida que a audiodescrição se incorpora à obra artística, os espectadores com deficiência visual são "aconchegados", envolvidos por essa palavra mediadora que se mescla com a poética da contação e o ato de narrar uma história.

Cabe destacar que "Abraço" é uma obra destinada ao público infanto-juvenil e que, tal enveredamento por essa linha de narração, se propunha a manter um diálogo com a própria estética da obra. Isto posto, a experiência de pensar um formato de audiodescrição híbrido com a matriz da contação de histórias parte do próprio audiodescritor consultor do espetáculo (pessoa com deficiência visual), Thiago Cerejeira, que, além de se propor a repensar a reestruturação do roteiro, assumiu também a empreitada e o desafio de fazer a narração gravada para o vídeo do espetáculo.

Tal prerrogativa, advinda desse profissional com deficiência visual, surge a partir da sua necessidade criativa de reformular a estética da primeira versão do roteiro de audiodescrição da peça e, sobretudo, de incorporar o tom poético que demandaria a nuance de audiodescrever e, ao mesmo tempo, contar a história. Ademais, observou-se ainda uma afinidade com a estética da obra e sua relação com a voz que seria trazida para a narração, aspecto que é primordial para a harmonia do conjunto e do resultado final.

A tarefa de escolher um locutor para um determinado roteiro requer atenção especial. Algumas vozes ou interpretações podem não combinar com o sentido e sentimento do texto, sendo importante a escolha correta do tipo de locução que melhor se adequará à obra a ser audiodescrita. (PALMEIRA, ARAÚJO E CARVALHO, 2016, p. 100).

Nesse sentido, em consonância com as indicações de Palmeira, Araújo e Carvalho (2016), alguns testes e experimentações preliminares com a voz foram realizados pelo

audiodescritor consultor Thiago Cerejeira, com o intuito de promover uma imersão no roteiro, bem como de ensaiar a velocidade, timbre e dicção.

Após os testes, o processo encaminhou-se para a gravação. Cabe salientar que tanto a parte de ensaios, apropriação do texto, quanto a própria gravação foram realizadas pelo audiodescritor consultor com recursos de tecnologia assistiva - leitores de tela e programas de gravação acessíveis -, o que possibilitou uma maior autonomia e tranquilidade durante o processo.

A experiência obtida com a audiodescrição do vídeo do espetáculo "Abrazo" desencadeou, então, a possibilidade do trabalho com a narração da audiodescrição gravada de mais algumas obras audiovisuais, a exemplo do documentário "Praia"<sup>2</sup>, produzido na cidade de Juiz de Fora/MG.

O documentário teve como proposição a mesma arteficialidade utilizada no vídeo do espetáculo "Abrazo", tanto no tocante ao diálogo com a estética da obra, quanto no tom de voz utilizado para a vocalidade, no sentido de estabelecer uma costura entre as cenas, além de evidenciar, quando apropriado, uma dinâmica mais envolvente e fluida da voz.

Cabe ressaltar que a empreitada que se delineou nessas experiências demandou do audiodescritor narrador com deficiência visual um esquema de ensaios e apropriação do texto do roteiro de AD e, nesse sentido, um aspecto que precisa ser enfatizado nesse momento de apropriação do texto do roteiro e de ensaios com a voz para a narração foi o de tentar manter a sintonia e a pulsação rítmica da obra. Nóbrega (2016) elucida como isso se dimensiona na atuação do audiodescritor narrador, como se este precisasse, em alguns casos, incorporar uma espécie de narrador personagem na obra.

O áudio-descritor/ locutor deverá assumir uma invisibilidade/viva, para isso é necessário que ele esteja em sintonia com a obra, possua a mesma pulsação rítmica entre o que é visto e o que é locucionado. Nesse sentido, podemos considerar que o áudio-descritor/ locutor assume uma espécie de narrador personagem na trama áudio-descritiva, porém ele não possui autoridade de interferir no percurso do que está posto em cena. No momento da locução, ele é a testemunha viva que observa e narra

---

<sup>2</sup>Documentário criado pelo coletivo Mercúrio Líquido, com direção de João Paulo Brum e roteiro de João Paulo Brum e Letícia Nabuco (2022). Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=XcJdsIX2aoU>>.

fielmente as ações no instante em que elas ocorrem. (NÓBREGA, 2016, p. 129).

A indicação de Nóbrega (2016) refere-se ao âmbito teatral, contudo é pertinente a alusão ao processo desenvolvido, visto que a articulação deu-se com foco em uma obra teatral registrada em vídeo e em outras obras audiovisuais. A autora coloca a menção à pulsação rítmica e a coexistência de um narrador personagem, elementos que referenciam, justamente, o que foi desenvolvido em termos de aplicação da voz pelo audiodescritor consultor Thiago Cerejeira. Esses referenciais uniram-se, no caso do espetáculo “Abrazo”, ao próprio aspecto dinâmico da contação de histórias e resultaram em uma composição híbrida que trazia nuances de uma audiodescrição contada, fluida e com a intenção de ser envolvente, porém sempre atentando para evitar a sobrecarga de informações.

No caso do documentário “Praia”, diferentemente do vídeo do espetáculo, a narração da AD precisou se adequar aos espaços existentes entre as falas. Assim, a gravação foi feita de forma contínua, levando em consideração a observância dos tempos disponíveis para inserção da AD, que, por sua vez, já haviam sido estipulados no roteiro. Em alguns trechos específicos, foram gravadas duas versões, uma mais célere e outra mais pausada, para o caso de haverem problemas relacionados ao encaixe.

Destaque-se, dessa maneira, o contexto que é propiciado pela gravação - e mais especificamente para a proposição que é lançada nesse estudo, para o caso da possibilidade da narração gravada por pessoas com deficiência visual -, já que a gravação, diferentemente da narração ao vivo, permite uma melhor observação do desempenho, tanto por parte do audiodescritor narrador quanto do audiodescritor consultor. Tal constatação tem similaridade com a experiência desencadeada por Schwartz (2019), no sentido de reconhecer a importância e a flexibilidade proporcionada no trabalho com o vídeo ou com a narração gravada.

Por se tratar da temporada de estreia, o roteiro ainda não estava pronto - eu dependia, justamente, da gravação em vídeo dessas primeiras apresentações. Em razão disso, utilizei o mesmo vídeo sobre o qual foi elaborado o roteiro, gravei a narração de maneira sincronizada às imagens, reproduzindo o procedimento de uma narração ao vivo, e submeti essa versão em áudio à apreciação dos consultores. Ainda que o teste de locução sobre uma apresentação, ou mesmo em um ensaio aberto, seja insubstituível, em função de sua aproximação à experiência real da sessão acessível, o recurso da gravação não apenas possibilitou que os

consultores se manifestassem acerca da narração, como me permitiu avaliar meu próprio desempenho. (SCHWARTZ, 2019, p. 102).

O relato de Schwartz (2019) também contempla uma experiência teatral que contou com a interface do recurso do vídeo. A experiência da autora alinha-se, por conseguinte, com a referência utilizada em "Abraço", pois o vídeo correspondia à gravação do espetáculo teatral apresentado na íntegra. Conforme já mencionado, ter à disposição esse recurso do vídeo da peça foi fundamental para que tal incursão, autorada pelo audiodescritor consultor Thiago Cerejeira pudesse ser efetivada. No caso das obras audiovisuais, a prerrogativa é similar, pois é possível observar e ensaiar a narração das cenas tantas vezes quantas sejam necessárias.

Com as gravações realizadas e os devidos ajustes de edição, equalização, tratamento de interferências ou ruídos, partiu-se para o encaixe das narrações de AD no vídeo do espetáculo e no documentário "Praia", tarefa que foi executada por um profissional responsável pela mixagem, Franklin Mateus, e que também deu contributos cruciais no sentido de identificar partes em que o encaixe ficaria comprometido com a sincronia das ações ou mesmo de trechos em que havia muita audiodescrição, aspecto que sobrecarregava o conjunto audiodescrito.

Essa interação da figura do audiodescritor consultor e, nesse caso, também audiodescritor narrador, com o profissional da mixagem e edição, desvela uma relação de intensa produtividade e que pode estar no cerne do que discute Bakhtin (2017) quanto à ampliação desse circuito dialógico.

A expressão do enunciado, em maior ou menor grau, responde, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado. [...] O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia - seja filosófica, científica, artística - nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento. (BAKHTIN, 2017, p. 298).

Tal pressuposto bakhtiniano encontra, portanto, eco na estrutura processual da audiodescrição à medida que evidencia-se a necessidade de que a equipe, os profissionais que realizam a concepção de um produto audiodescrito, estejam em sinergia e envolvidos

de forma a construir uma unidade. De outro modo, se esse trabalho for compartimentado, algumas questões de ordem produtiva, como por exemplo, sobreposições e sobrecarga de informações, poderão fragilizar a estrutura do que estará sendo desenvolvido.

A audiodescrição, ao longo de todo o seu processo de criação e estruturação, exigirá, por conseguinte, uma simbiose entre os profissionais que nela estarão imbricados, roteiristas, consultores, narradores, técnicos de edição e mixagem. Esse conjunto compõe uma unidade indissociável que demanda a interlocução de todos os componentes, em uma rede colaborativa que institui o aprendizado pela experiência estética, sob pena de que, uma ou mais etapas possam ficar comprometidas.

Trata-se de uma relação interior com a matéria de estudo, de uma experiência com a matéria de estudo, na qual o aprender forma ou transforma o sujeito. Na formação humanística, como na experiência estética, a relação com a matéria de estudo é de tal natureza que, nela, alguém se volta para si mesmo, alguém é levado para si mesmo. E isso não é feito por imitação, mas por algo assim como por ressonância. (LARROSA, 2003, p. 52).

O âmbito da interlocução com os atores que desempenham a feitura da audiodescrição está pautado, desse modo, na relação desses sujeitos com a própria experiência estética que, por sua vez, tem ligação direta com a formação e a transformação desse aprendizado, das ressonâncias e porque não, dissonâncias, que compõem o processo.

## **A narração como mais um campo de atuação para a pessoa com deficiência visual**

A atuação de profissionais com deficiência visual no âmbito da narração gravada na audiodescrição é uma realidade factível, desde que observados os contextos de sua aplicabilidade, ou seja, em obras audiovisuais ou em bens e produtos que possam ter sua fruição feita por uma AD gravada.

Nesse sentido, uma outra possibilidade, além do contexto das obras audiovisuais, seria por exemplo, o de exposições museais. Obviamente, haverá de se ter um roteiro bem estruturado para que a pessoa com deficiência visual possa ter a autonomia para

desempenhar a narração com desenvoltura e segurança e, claro, com suportes e alternativas que possam assegurar a perspectiva da audiodescrição gravada em tais incursões.

A simbiose que se dará entre esse profissional e os demais audiodescritores, roteiristas, consultores e técnicos, será primordial para que sejam sanados questionamentos acerca da própria estética da obra, adequação de timbre, entonação, ritmo, dentre outros aspectos relativos à narração.

Para além do audiodescritor consultor, que já é um profissional estabelecido e reconhecido no contexto da AD, a narração na audiodescrição se apresenta assim como uma outra possível via de profissionalização, ressignificando a atuação de pessoas com deficiência visual, tanto socialmente quanto profissionalmente.

Abre-se, dessa maneira, mais um campo de atuação na área da audiodescrição, para as pessoas com deficiência visual que já atuem ou desejem atuar no mercado de trabalho da acessibilidade comunicacional e cultural. É importante ressaltar, todavia, que tal empreitada demandará ainda das pessoas interessadas o conhecimento, estudo e formação na área da audiodescrição, bem como de processos que dilatam a experiência estética entre os sujeitos envolvidos como forma de reeducação do olhar.

## Referências

ALVES, Jefferson Fernandes. A audiodescrição e a dimensão estética da apreensão das imagens por parte das pessoas com deficiência visual. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos; PIRES, Gláucia Nascimento da Luz; PIRES, José. ***Caminhos para uma educação inclusiva: políticas, práticas e apoios especializados***. João Pessoa: Ideia, Cap. 10, p. 263-276, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. ***Estética da criação verbal***. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BAVCAR, Evgen. O corpo, espelho partido da história. In: NOVAIS, Adalto (Org.). ***O homem-máquina. A ciência manipula o corpo***. São Paulo: Companhia das Letras, p. 176-190, 2003.

BUSATTO, Cléo. ***A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço***. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JOBIM E SOUZA, Solange; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto e. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. ***Revista Bakhtiniana***, São Paulo, v. 7, p. 109-122, Jul./Dez. 2012.

KASTRUP, Virginia. Experiência Estética Para uma Aprendizagem Inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus. ***Informática na Educação: teoria & prática***, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 38-45, jul./dez. 2010.

LARROSA, Jorge. ***Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas***. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LEÃO, Bruna Alves. ***A audiodescrição no teatro: um estudo sobre a locução de Miralu e a Luneta Encantada***. 2018. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

MARTINS, Bruno Sena. Pesquisa acadêmica e deficiência visual: resistências situadas, saberes partilhados. Ed. Especial. ***Revista Benjamin Constant***, Rio de Janeiro, v. 19, p. 55-66, out. 2013.

MIANES, Felipe Leão. Consultoria em audiodescrição: da técnica à participação social da pessoa com deficiência visual. In: MAYER, Flávia; PINTO, Julio (orgs.). ***Perspectivas contemporâneas em audiodescrição***. 1. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, p. 84-94, 2017.

NÓBREGA, Andreza. ***Caminhos para Inclusão: uma reflexão sobre áudio-descrição no teatro infanto-juvenil***. Jaboatão dos Guararapes, PE: SESC, 2016.

PALMEIRA, Charleston Teixeira. ***Programa de aperfeiçoamento fonoaudiológico para a locução na audiodescrição de filmes - LocAD***. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2021.

PALMEIRA, Charleston Teixeira; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; CARVALHO, Wilson Júnior de Araújo. Locução para audiodescritores: contribuições da fonoaudiologia. In: ADERALDO, Marisa Ferreira; MASCARENHAS, Renata de Oliveira; ALVES, Jefferson Fernandes; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; DANTAS, João Francisco de Lima (orgs.). ***Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição***. Natal: EDUFRN, 2016. E-book. Cap. 11. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/22612>>. Acesso em 13 jan. 2021.

RANCIÈRE, Jacques. ***A partilha do sensível***. São Paulo: EXO experimental Org.; Editora 34, 2009.

SÁ, Elizabet Dias de. ***A consultoria na prática da audiodescrição: a perspectiva dos consultores com deficiência visual***. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física. Especialização em Audiodescrição, 2015.

SARRAF, Viviane Panelli. Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência: benefícios para todos. ***Revista do Centro de Pesquisa e Formação***, São Paulo, n. 6, junho 2018.

SILVA, Emerson de Paula; MATTOSO, Verônica de Andrade. Arte/educação e acessibilidade cultural: uma encruzilhada epistemológica. In: OLIVEIRA, Francisco Nilton Gomes de; HOLANDA, Gerda de Souza; DORNELES, Patrícia Silva; MELO, Juliana Valéria de. ***Acessibilidade Cultural no Brasil: narrativas e vivências em ambientes sociais***. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016.

NARRAÇÃO NA AUDIODESCRÇÃO POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: EXPANDINDO O CAMPO  
PROFISSIONAL  
CEREJEIRA, THIAGO L. T. ; ALVES, JEFFERSON F.

SILVA, Manoela da; BARROS, Alessandra. Formação de audiodescritores consultores -  
Inclusão e acessibilidade de ponta a ponta. *Revista da FAEEBA Ed. e Contemp.*, Salvador,  
v. 26, n. 50, p. 159-170, set./dez. 2017.

SCHWARTZ, Letícia. *Através do prisma: a audiodescrição como provocação à  
percepção do espectador com deficiência visual*. 2019. Dissertação (Mestrado em artes  
cênicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.  
(Coleção Ensaios).

**Revisores de línguas e ABNT/APA:** Thiago Cerejeira e Jefferson Fernandes

**Submetido em 23/08/2021**

**Aprovado em 16/04/2022**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)